

SORRISO
nos lábios
e no peito
Uma CRUZ



The image features two female healthcare workers, likely nurses, depicted in a stylized, semi-transparent grey overlay. They are wearing white lab coats and have stethoscopes around their necks. The woman on the left is holding a syringe. The background is a light, textured surface. The text is centered over the lower portion of the image.

**SORRISO NOS LÁBIOS E
NO PEITO UMA CRUZ**

Ruas estreitas, silêncio, frio, garoa. É pouco mais de sete horas da manhã de um sábado. Os vidros do carro ficam embaçados, mal posso enxergar o caminho percorrido. Depois de algumas voltas, finalmente chego à uma rua sem saída. Esse é o destino. Toco o interfone e o portão se abre.

Ando pela calçada e ao longe posso ver uma senhora à minha espera. A estátua de São Francisco em frente à casa, de braços abertos, parece se antecipar. Mais alguns passos, e sou recebida com

um abraço e palavras acolhedoras. Passar por aquela porta é quase impossível, só entra ali quem tem permissão. Uma experiência única diante dos meus olhos. Estou num Convento.

Quem chega à Piraquara não imagina que a cidade abriga uma Congregação de Irmãs. Se as Igrejas Católicas do Município são de imediato identificadas por conta da estrutura ou de uma Cruz, o Convento das Franciscanas gera (no mínimo) curiosidade. Afinal, o que há no

casarão rodeado de árvores e um enorme gramado?

Guiada pela Irmã Maria chego a um quarto. Cama lisa, guarda-roupa, mesa, cadeira e um banheiro. Olho para a parede e lá está Jesus Crucificado. E as Irmãs noviças, onde estão? Largo minha mochila ao lado da cama e saio em busca do cheiro de café. O aroma invade os corredores da imensa casa de paredes altas. Tomo cuidado para não me perder. Chego à cozinha e a Irmã noviça Jaqueline me recebe com

entusiasmo. “Que bom que você veio, vamos soltar as galinhas?”. “Vamos”.

Enquanto ela solta e alimenta as galinhas, observo o enorme jardim. A paz toma conta daquele lugar e do meu interior. Ouve-se apenas o canto dos passarinhos. Olho pra cima e vejo a outra Irmã noviça da casa, Maria Antônia, que me cumprimenta enquanto prende seus cabelos para ir até à Capela do Convento. A primeira oração do dia vai começar.

Na Capela a cena chama a atenção. Todas estão num profundo silêncio. Com os olhos voltados ao altar. Sento e logo começo a cantar os Salmos junto às Irmãs noviças. A fé dessas jovens é percebida na entonação de suas vozes, cada vez mais firmes, cada vez mais entregues à paixão que elas sentem em adorar à Deus. Nos lábios um sorriso sempre e no peito uma Cruz. O símbolo que carregam no pescoço é na verdade um TAU, a última letra do alfabeto hebraico, que possui o formato de uma cruz, ou da

letra T. Duas linhas, uma horizontal e outra vertical. O encontro entre o Céu e a Terra. Os três nós do cordão expressam o sentido da vida de todos os franciscanos: obediência, pobreza e castidade. Valores deixados por São Francisco de Assis ao assumir o símbolo para designar sua Ordem religiosa. Esses princípios elas seguem fielmente.

Irmã Célia é a única da casa que utiliza "roupa de freira" como é conhecido o hábito religioso. As irmãs Maria, Maristela e Valéria que também são irmãs de

votos perpétuos não utilizam o traje por opção. Depois do Concílio Vaticano II a obrigatoriedade deixou de existir. As Irmãs noviças também poderão fazer suas escolhas, mas isso é algo a se pensar depois; por enquanto a prioridade delas é outra. A etapa de formação que elas vivem hoje é uma das mais intensas, longe da família e do lugar onde viviam, Jaqueline em Goiás e Maria Antônia no Maranhão. O noviciado é uma etapa de recolhimento, em que se pratica sobretudo a oração.

Geralmente uma fase que dura em torno de dois anos.

O aspirantado e Postulantado são as duas etapas que antecedem a que elas vivem hoje. No aspirantado as meninas passam a morar provisoriamente numa casa de formação junto às Irmãs, convivendo e participando de forma experimental da vida Consagrada, elas iniciam essa etapa por volta dos quinze anos sem que seja preciso saírem da escola. No Postulantado, elas se mudam definitivamente para a casa de

formação, podendo ver a família poucas vezes ao ano. Nessa etapa, aprendem sobre religião, música, canto, realizam trabalhos manuais e atividades pastorais. Aprendizados que são lapidados no Noviciado. Até que façam os votos perpétuos, as Irmãs noviças ainda passarão pela etapa do Juniorato, uma fase que pode durar até nove anos, e que une todas as anteriores às missões que realizam em prol da humanidade.

A oração termina e nos encaminhamos ao refeitório onde tomamos café e rimos

de nossas histórias pessoais. Conversar é uma tarefa que fica para depois do almoço em dias de sábado – elas usam esse período para reflexão. Sorte a minha poder ter quebrado a regra, pois ouvi-las rindo em alto e bom som é inspirador. Cada qual com um sorriso particular; o de Jaqueline reluz por conta da claridade que ultrapassa a janela e reflete no aparelho que ela utiliza.

O café termina e Maria Antônia, que este mês fica responsável por cuidar da Capela, vai colher flores para enfeitá-la.

Caminha pelo imenso jardim, e eu admiro seus passos sem perder nenhum detalhe. Hoje com vinte e quatro anos ela percebeu sua vocação aos dezenove. Reparo em seus traços e nada me tira da cabeça a semelhança dela com alguém que eu conheço. Quando conversamos sobre suas experiências e um antigo relacionamento a curiosidade não me deixa calar, e eu disparo. "Já pensou em desistir do noviciado?". "Eu já, no começo, por fraqueza, mas agora não", responde sorrindo. E eu pensando

comigo “Ainda descobrirei de onde a
conheço”.

Jaqueline lava a louça e eu procuro um pano para secar. Além de conversar, rir é o que mais fazemos quando estamos juntas. Com apenas dezoito anos ela percebeu com onze a sua vocação para a vida religiosa. A pouca idade me chama muito a atenção e começo a enchê-la de perguntas. Presto muita atenção para não esquecer nada, pois meu caderno de anotações estava no quarto. A

ausência dele foi percebida por ela, “Quer pegar seu caderno?”. “Quero sim, preciso anotar absolutamente tudo”. Saio correndo – e me realizando também, devo dizer. Corredores de um Convento? Impossível não virar criança e correr porta afora como nos filmes americanos.

De volta à cozinha a Irmã noviça me avisa que está na hora do estudo de formação delas com a Irmã Maria, e me autoriza a ir caminhando até a sala. “Onde tem um banheiro?” “Segue até o final do corredor e vire à direita”. Vou

decorando cada passo para não me perder ao voltar e espio tudo. São muitos corredores, portas, e a minha curiosidade de saber o que tem em cada uma delas é grande.

Na sala, enquanto as espero, observo cada detalhe. A mobília remete ao século XIX: lousa, estante de livros, cadeiras e mesas de madeira robusta organizadas de forma circular. No centro da sala a imagem de Jesus Cristo e a Sagrada Bíblia. Logo a Irmã Maria e as Irmãs noviças estão na sala. Elas leem em voz alta as questões que refletem

individualmente para debater em grupo, no encontro. O vocabulário delas é exemplar. A espessura do caderno entrega a grande quantidade de lições que elas aprenderam durante o Noviciado. O capricho e o zelo das menina pode ser percebido a cada folha que elas decoram com cores e figuras. O carisma de Irmã Maria e sua forma didática de ensinar me encantam. Uma senhora de voz suave e palavras marcantes. De maneira enfática resume o encontro numa frase: Tua fé te salvou!



almoço está próximo. Irmã Célia vai ao mercado e deixa a comida aos nossos cuidados. Jaqueline é a responsável pela cozinha esse mês. Em cima da pia está um saco de laranjas. Ela espreme uma a uma pacientemente enquanto responde minhas perguntas. “Você foi incentivada à entrar no Convento?”. “Fui sim, pela minha família, e sobretudo pelo meu tio que é sacerdote, o que todo mundo acha suspeito”. Ela me explica que o tio foi quem a ajudou quando ela teve as primeiras dúvidas e questionamentos

Tomo nota de seus depoimentos em meu caderno. Entre uma laranja e outra lanço uma pergunta desafiadora: “Você se considera uma prisioneira?”, “Quem olha de fora realmente pode ter essa visão. Mas, só quem tá dentro poderia te responder. E eu digo estando dentro que não é uma prisão. Não é uma prisão porque eu vim por livre e espontânea vontade”.

Maria Antônia também se posiciona, me explica que ao entrar na Congregação elas já sabem que existem regras e que essas regras não vão mudar só porque

elas querem. “O povo acha que a gente é prisioneira, porque a gente não frequenta os lugares que as pessoas de fora frequentam, mas essas coisas não pertencem mais à nós. Nós renunciamos essas coisas para assumir esse outro projeto, que com certeza para nós é muito mais importante do que os projetos que o mundo oferece”, conclui. É realmente impressionante o discernimento das Irmãs noviças. Poucas vezes em minha vida tive tanta convicção de alguma coisa como elas têm de sua vocação.

“Quer que eu esprema agora?”. “Ah, eu quero!”. Jaqueline coloca as coisas na mesa enquanto continuo enchendo a jarra que é gigante perto do tímido espremedor. De repente um grito: “A caaarnee!”. Conversamos pelos cotovelos e deixamos a carne queimar. Minha sugestão: raspar a parte torrada. Tentamos, mas isso não resolveria o problema. A solução? Maria Antônia. “Maria sempre me salva, ela é muito criativa”, revela Jaqueline.

De longe Maria percebe nossa aflição, “Ai meu Deus, o que essas duas aprontaram na cozinha?” Ao ver o “estrago” ela passa a receita: tomate, cebola, e manteiga. Receita essa que salvaria a carne, o almoço e a nossa pele. “Mistura tudo e joga a carne dentro”, autoriza. Tínhamos quinze minutos para colocar o “plano” em prática. Hora de rezar o Terço Mariano.

Entramos desconfiadas na Capela como se as Irmãs soubessem o que tínhamos aprontado na

cozinha, inclusive Irmã Jósia que estava lá para almoçar conosco. Visita e carne queimada não é a melhor combinação, definitivamente. Os pássaros lá fora pareciam contemplar cada um dos Mistérios que rezávamos, nos acompanhando com uma melodia cada vez mais perto.

Depois de rezarmos o Terço nos encaminhamos até o refeitório. A campainha toca, é o entregador de compras. Isso significa que Irmã Célia estava chegando. Colocamos o almoço

na mesa e minutos depois ela chega, acompanhada de uma sobrinha. As duas se servem. Jaqueline se entrega ao soltar o riso que já não cabia nela. A cena era realmente cômica, ninguém estava conseguindo cortar a carne. Para o meu alívio a tensão passa e todas rimos juntas. Penso comigo: o tempero de Maria Antônia é dos bons!

Depois do almoço a visita se despede, as Irmãs se recolhem para descansar e as Irmãs noviças se dividem para limpar o chão. Andando pelo refeitório observo

em cima da mesa uma fotografia. “Essa é minha irmã, Patrícia”, aponta Maria Antônia para uma das Irmãs noviças da foto. “Eu conheço ela! Quando eu comecei a frequentar a Igreja ela era noviça aqui” respondo imediatamente. Daí a familiaridade que sinto com Maria Antônia, o sorriso dela e a simpatia não nega o parentesco.

Lá fora Jaqueline recolhe as roupas do varal e alimenta novamente as galinhas, patos e gansos. A casa está em silêncio, todas estão em seus aposentos. “Como

você sobrevive sem celular?”. “Eu vim pro convento sem celular e ao longo dos anos fui levando essa questão com muita tranquilidade. Isso nunca foi prioridade na minha vida”. Viver com o pouco que se tem. Essa é a ideia. Não há o que elas não tenham acesso que lhes cause frustração. Ela me sugere ir descansar também e prepara a cama “Pode ficar à vontade, Ju. Daqui a pouco eu volto”. Eu tiro as botas e o casaco, procuro minhas pantufas na mochila, escovo os dentes e me deito um pouco.



quarto de todas é no andar de cima, local em que não sou autorizada a entrar. Deitada posso ouvi-las cantando e tocando flauta. A melodia invade meu quarto e ecoa em todos os cantos da casa. Três horas da tarde. O sininho toca e anuncia que é hora do lanche. Todas optamos por sorvete de morango. Nossa conversa continua na sala de TV, que é o lugar em que elas ficam mais à vontade – confesso que não foi muito difícil se sentir em casa nessas condições.

Ao contrário do que se pode imaginar elas podem assistir em dias determinados. O velho e bom discernimento de cada uma delas é o que define o que devem ou não assistir. Na época em que Irmã Maria era noviça, por exemplo, isso era uma prática impensável. As regras como ela mesma coloca eram “fechadas”, “No refeitório se fizesse muito barulho com talheres, tinha que se ajoelhar e rezar na hora, na frente de todo mundo”, relembra.

A história é motivo de riso para as duas jovens Irmãs noviças, afinal, esse tipo de norma já não existe mais, é difícil se imaginarem no lugar da Irmã, que também se diverte com suas lembranças. Esse tipo de regulamento pertence às memórias de quem as viveu, e claro, aos inúmeros roteiros cinematográficos que insistem em retratar o “convento das punições”. O cenário atual é outro, quem poderia imaginar há anos atrás que hoje, por exemplo, as Irmãs pudessem fazer

faculdade? Realmente muita coisa mudou.

No convento elas aprendem várias tarefas manuais. Bordar é uma das coisas que mais gostam de fazer. Não me arrisco no ponto cruz, mas observo tudo enquanto checo a pauta. Pergunto à Maria Antônia o que ela considera necessário para seguir na vida religiosa. A resposta é objetiva: "Em primeiro lugar acreditar naquilo que você está seguindo e segundo ter muito amor, porque se você não ama a vida religiosa não consegue vivê-la".

Na cozinha, Irmã Célia prepara o forno. Teremos pizza no jantar. “Dessa vez não vamos deixar queimar”, brinco. “Não vai não, está bem baixinho o fogo”, ela garante. Quase oito horas, o compromisso na Capela está por começar.

Dia cinco de setembro as franciscanas relembram a memória dos 118 anos da morte da Fundadora da Congregação: Madre Alphonsa Kuborn. É um dia muito especial para elas, que estão elegantemente uniformizadas e visivelmente muito felizes. O Trânsito à

Madre Alphonsa é uma cerimônia restrita, um momento único de fraternidade das Irmãs, e que tive o privilégio de presenciar. Se existe exceção da exceção com certeza minha presença naquele momento foi uma delas.

Hora do jantar. Na cozinha Irmã Célia abre o forno e temos uma grande surpresa para fechar a noite sorrindo: as pizzas haviam queimado – bem menos que a carne vale ressaltar. “Você vai ter várias histórias para contar. Vai contar que a carne queimou, que a pizza

queimou”, comenta a Irmã. Eu não perco a oportunidade e também brinco: “Fica tranquila, direi que não é regra”.

São 21h40, estão todas na sala vendo TV e bordando. De longe um som. São as badaladas do relógio que puderam ser ouvidas durante todo o dia, a cada quinze minutos. No começo tentei acompanhá-lo – confesso que se fosse a cada uma hora seria mais fácil. Depois de algum tempo no Convento comecei a perceber que as horas não tinham a menor

importância. Perder a noção do tempo nunca foi tão agradável.

Junto minhas coisas para ir pra casa. Me despeço delas e saio com o caderno cheio de anotações, além de uma das experiências mais incríveis para contar. Surpresa maior foi descobrir a vida de uma Irmã noviça da atualidade. Jovens que abrem mão da família sim, mas que encontram o sentido de uma vida em fraternidade, que pintam e bordam (no bom sentido), que dançam, tocam, assistem, ouvem música, brincam, riem, estudam, cuidam da casa. Jovens que

rezam e professam fervorosamente sua fé. Que se deixam invadir por um amor que só elas sabem qual é, e que de certa forma nos convida a ser experimentado quando estamos lá.

Um dia de noviça, mal podia acreditar. A história é de descoberta da vida de mulheres que renunciam tudo por amor. Que se aventuram num mundo em que as paredes são altas e os corredores longos despertam a imaginação. Onde o aroma do café toma conta da casa e a melodia das vozes ecoa seu som, junto aos pássaros. Onde há paz, esperança e

fé. Ao longe o imenso portão. Olho para trás e lá está São Francisco de braços abertos. No meu rosto um sorriso, no peito dele uma Cruz – no coração das Irmãs uma esperança: a de que um dia eu irei voltar.

Sobre a Congrega o

Em 1867 Madre Alphonsa Kuborn fundou a Congrega o das Irmãs da Misericórdia da Terceira Ordem de São Francisco de Assis, como conhecida na época. Hoje recebe o nome de Congrega o Irmãs Franciscanas de São José. Madre Alphonsa dedicou-se de forma generosa ao exercício da caridade. Em 1926 as Irmãs chegam em Piraquara/PR

Endereço: Rua das Laranjeiras, N  647, Jardim Primavera, Piraquara – CEP 83302 – 020
Telefone: 3673- 7216

Agradecimentos

Irmã Maria Célia Gama de Souza

Irmã Maria Hoepers

Irmã Maristela Hoffmann

Irmã Valéria Martins Nazário

Superiora Geral: Ir. Rosa Ada Morelli

Irmã Noviça Jaqueline Torres Duarte Natal

Irmã Noviça Maria Antônia da Conceição
Ribeiro

Realização

Texto | Jussara de Melo Andrade

Editor | Luis Otávio Dias

Ilustração | André Kranz

Arte e Diagramação | Fernanda Garcia